

VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E GESTORES

LILIANE PEREIRA DE SOUZA

Doutoranda em Educação na UNESP-Rio Claro. Mestre em Educação pela UFMS. Professora pesquisadora na UFGD. E-mail: lilianedesouzaa@gmail.com

Resumo

Este artigo resulta da pesquisa de mestrado que teve como objeto de estudo a violência escolar. O objetivo foi conhecer e analisar as representações que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental e gestores que atuam em escolas da Rede Municipal de Ensino (REME), de Campo Grande/MS têm sobre a violência escolar. Trata-se de uma investigação de abordagem do tipo qualitativa (TRIVIÑOS, 1987). Para entender as questões da pesquisa recorremos a duas técnicas: a entrevista semiestruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e a análise de conteúdo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). As análises das falas dos sujeitos mostram que acontece violência verbal e física entre alunos e que há dificuldade para os entrevistados em definir o que significa a violência na escola. Esta é percebida tanto pelos professores quanto pelas gestoras como um problema social, como uma violação das normas, como falta de respeito, como agressão física e verbal, inserindo a desestrutura familiar. Esta pesquisa revela que a violência não escolhe classe social, nem localização da escola, mesmo havendo uma tendência em se pensar que somente as escolas da periferia são produtoras de violência escolar, mas independente da localização e do número de alunos as escolas participantes possuem muitos pontos em comum. Verificou-se que as possibilidades de superação da violência escolar não estão somente na escola, mas em parcerias com a família, com a comunidade, com os órgãos do governo, com profissionais de outras áreas. E no desenvolvimento de projetos pensados para a realidade dos alunos, que envolvam desde os pequenos já que estes também praticam a violência, e ações diárias em sala de aula.

Palavras chave: Violência. Ensino Fundamental. Professores. Gestores.

SCHOOL VIOLENCE: A STUDY FROM THE REPRESENTATIONS OF TEACHERS AND MANAGERS

Abstract

This article is the result of the master's study had the object of study school violence. The objective was to know and analyze the representations that teachers in the early years of elementary school and managers who work in schools Municipal Network of Education (REME), Campo Grande/MS have on school violence. It's a qualitative research approach (Triviños, 1987). To understand the research questions we turn to two techniques: semi-structured interview (Lüdke and Andrew, 1986) and the content analysis (Bogdan and Biklen, 1994). The analysis of participants' speech show that happens verbal and physical violence between students and that it is difficult for respondents to define what it means violence at school. This is perceived both by teachers and by the management as a social problem, as a violation of the rules, such as lack of respect, such as physical and verbal aggression, entering the family dysfunction. This research shows that violence does not choose social class or school location, although there is a tendency to think that only the periphery of the schools are producing school violence, but regardless of the location and the number of students participating schools have many points in common. It was found that the possibilities of overcoming school violence are not only in school but in partnership with the family, the community, government agencies, with other areas of professionals. And in development projects thought to the reality of students, involving from small as they also practice violence, and daily actions in the classroom.

Keywords: School Violence. Elementary School. Teachers. Managers.

Introdução

Além de a violência ser algo concreto na sociedade brasileira, ela acontece através de um processo histórico, político, cultural, e as contradições de uma sociedade desigual contribuem para os mais diversos tipos de manifestações. Portanto, no estudo que realizamos, consideramos como violência não apenas manifestações de agressão física, mas também psicológica, simbólica, verbal e institucional, já que todas podem estar inseridas no cotidiano das escolas.

Optamos por denominar ao longo da pesquisa o termo *violência escolar*, entendendo que este engloba os termos violência na escola, da escola e à escola e suas práticas.

Neste sentido, recorremos a contribuição de Charlot (2002, p. 434-435), que em seu estudo sobre a abordagem da violência na escola por sociólogos franceses, possibilitou a multidiversificação do fenômeno da violência e identificou na prática, quais atos poderiam ser considerados violentos a partir das diferenças entre os seus tipos que estão presentes na escola:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 434- 435, grifo do autor).

Para o autor, é importante distinguir o fenômeno da violência perante as diversificações existentes, para se pensar as estratégias de ação, já que são inúmeros os exemplos de práticas de violência, tanto verbal quanto física, que acontecem no interior da escola. Essas práticas aparecem não apenas entre os alunos, mas entre estes e professores, manifestadas por meio de ameaças, insultos, agressões, e de maneira simbólica.

A violência agrava os problemas relacionados à educação como, por exemplo, o processo de ensino e aprendizagem e apesar do sentimento de impossibilidade que afeta boa parte dos educadores, eles têm um papel fundamental em qualquer tipo de ação preventiva e de controle da violência nas escolas, pois está em contato diretamente com os alunos.

Na intenção de não apenas conhecer as causas da ocorrência da violência na escola ou suas consequências, mas entendendo que há necessidade de maiores investigações sobre este tema, desenvolvemos um estudo para conhecer e analisar as representações que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental e gestores que atuam em escolas da Rede Municipal de Ensino (REME), de Campo Grande/MS têm sobre a violência escolar.

Definimos como objetivos da pesquisa: Conhecer e compreender as possibilidades e limites de professores e gestores ao lidar com situações de violência que ocorrem e se repetem no dia a dia em sala de aula e na escola; Mostrar algumas formas de violência habitual, vivida pelos alunos e professores no espaço escolar; Identificar quais as medidas adotadas pelos gestores quando a ocorrência de violência é registrada pelos professores.

É importante destacar que de acordo Abramovay (2002), nenhum conceito sobre a definição de violência escolar chega a ser consensual entre os pesquisadores, pelo fato de que o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos, pais...), da idade e do sexo. Ou seja, depende do lugar, do tempo e dos atores que a examinam, para que seja possível encontrar uma conceitualização mais apropriada.

A autora destaca que os termos usados para indicar a violência, nesse contexto, variam de acordo com o país. Nos Estados Unidos diversas pesquisas sobre a violência na escola recorrem ao termo delinquência juvenil, na Inglaterra esse enfoque é pouco usual. Para alguns autores ingleses, o termo violência na escola só deve ser empregado no caso de conflito entre estudantes e professores, ou no caso de atividades que causem suspensão, atos disciplinares e prisão.

Debarbieux (2002) após discutir as controvérsias na definição de violência escolar, conclui que o objeto ainda aguarda uma definição mais precisa e alerta para o fato de que a sua conceitualização incida diretamente nas escolhas das medidas a serem tomadas. Segundo ele, a maior parte dos pesquisadores que investigam a questão da

violência escolar aceita a definição ampla que inclui atos de delinquência não necessariamente passíveis de punição, ou que, de qualquer forma, passam despercebidos pelo sistema jurídico.

Ortega (2003) explicita que há violência quando no interior das instituições escolares algumas pessoas são acoçadas, maltratadas ou socialmente excluídas, física, psicológica ou moralmente, apresentando o entendimento da violência não somente manifestada com agressão física, mas como uma forma de perseguição.

Portanto, é possível perceber que há dificuldade em definir claramente o conceito de violência que ocorre nas escolas e principalmente em delimitá-lo. Todavia, apesar de não se ter um consenso entre os pesquisadores sobre o conceito, tendo em vista que este varia de acordo com o contexto em que ocorre e segundo os atores envolvidos, há uma preocupação em direcionar as discussões de maneira que haja contribuições para os estudos sobre esse tema.

No que diz respeito às práticas de violência é necessário saber que esta se passa pela reconstrução das relações sociais que estão presentes no espaço social escolar, e as manifestações de violência emergem como resposta imediata a uma situação de exclusão do indivíduo. Isto se apresenta quando levamos em consideração as questões próprias do contexto atual, como globalização, desemprego, a própria violência urbana e a banalização de conceitos antes preservados, como o respeito. Perde-se também parte de seus vínculos com a comunidade e muitas vezes, com a própria família. Isto se reflete nas ações dos alunos dentro da escola.

Metodologia

Fizeram parte do estudo, duas escolas da Rede Municipal de Ensino (REME), de Campo Grande/MS, sendo uma localizada na região central e a outra na região periférica do Prosa, e estão inseridas em contextos distintos. Para preservar as escolas em que foram realizadas as entrevistas não divulgamos seus nomes, no entanto, destacamos que a escola da região central denominada como Escola A e a escola da região periférica do Prosa denominada como Escola B (QUADRO 1).

QUADRO 1 – Características das escolas participantes

Escolas	Número de alunos	Número de salas de aula	Quadra de esportes	Biblioteca	Laboratório de informática	Laboratório de ciências	Acesso a internet	Atividade Extra
A	512	10	1 –coberta	Sim	Sim	Não	Sim para alunos e funcionários	Futsal, ginástica rítmica, flauta e xadrez – contraturno
B	1800	28	2 - coberta e descoberta	Sim	Sim	Sim	Sim para alunos e funcionários	Vôlei, futsal, tênis de mesa, xadrez, atletismo, violão, ginástica artística – contraturno

A Escola A, possui 512 alunos matriculados, a sala de aula em que o professor trabalha com maior número de registros de caso de violência é a do 4º ano, do turno matutino e há 29 alunos, sendo 2 destes alunos, com necessidades especiais. A Escola B possui 1800 alunos matriculados, a sala de aula onde o professor trabalha com maior número de registros de caso de violência é a do 5º ano do turno vespertino e há 30 alunos, sendo 3 deles com necessidades especiais.

A faixa etária dos alunos da Escola A do 4º ano é de 9 e 10 anos de idade e dos alunos do 5º ano da Escola B é de 10 e 11 anos de idade. Os alunos que não residem no mesmo bairro em que esta localizada a escola, moram em bairros vizinhos.

Todos os participantes possuem além da graduação na área da educação, também especialização em suas áreas específicas, sendo que a diretora – Escola B possui pós-graduação em Educação Salesiana, que tem como base uma pedagogia de sistema preventivo e não corretivo.

As diretoras têm uma diferença de 5 anos de atuação neste cargo uma da outra, sendo que a maior experiência é da diretora da Escola B, com 15 anos na direção escolar.

As coordenadoras, embora tenham experiência na gestão escolar, estão a poucos meses trabalhando nesta função, porém a coordenadora da Escola B trabalhou durante 19 anos como orientadora escolar.

A professora da Escola B trabalha nos dois períodos na escola, portanto tem uma carga maior de trabalho que o professor da Escola A, que trabalha apenas um período. O professor leciona há 17 anos, nessa escola ele trabalha há 7 anos, sendo que há 2 anos atua no 4º ano do ensino fundamental. A professora tem experiência de 20 anos em sala de aula, ela trabalha há 13 anos nessa escola e começou a lecionar no 5º ano do ensino fundamental no ano de 2012.

Segundo as informações passadas pela diretora da Escola B, a carga horária de trabalho dela e da diretora-adjunta é maior, pois muitos pais ou responsáveis trabalham durante o dia e, portanto, só comparecem a escola quando são chamados depois do expediente de trabalho.

Cabe destacar que todos os participantes da pesquisa trabalham apenas em uma escola. Também é importante observar que o professor da Escola A é o único sujeito que é do gênero masculino, por isso sempre que nos referirmos a figura do professor no plural, utilizaremos professores.

Para a coleta de dados realizamos a entrevista semiestruturada. No entendimento de Duarte (2002, p. 141) “De modo geral, as pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas.” O autor ressalta que os critérios, a descrição e a delimitação dos sujeitos que vão participar da investigação é primordial, pois interfere diretamente nas informações a partir das quais será possível construir a análise.

Para interpretar as falas dos sujeitos que participaram da investigação, utilizamos a análise de conteúdo uma vez que essa forma de análise supõe “Um conjunto de instrumentos metodológicos [...] que aplicam os ‘discursos’ (conteúdo e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 1977, p. 9 – grifo do autor). Nesse sentido, percebemos a relevância deste caminho metodológico para analisar e interpretar as falas dos sujeitos da pesquisa.

Resultados

Aliado aos desafios, dilemas e limitações enfrentados diariamente nas escolas, está à preservação da integridade física dos alunos, professores e funcionários e a responsabilidade de proporcionar um ambiente sadio de convívio, que certamente se torna um desafio ainda maior com as manifestações da violência inseridas no cotidiano escolar.

A violência na escola é um problema social, vem de fora para dentro. (Diretora - Escola A)

Violência na escola é agressão, é a violência de forma verbal e de forma física. Para mim a violência é o desrespeito com o ser humano, é a falta do respeito. (Coordenadora - Escola A)

A violência é algo ruim, péssimo. Precisa de muita conversa com os alunos, precisa de muito diálogo para que acabe com essa violência porque eles podem trazer isso de casa também. (Professor - Escola A)

É uma transgressão da ordem, das normas, do regimento. Às vezes mais ou menos, mas é uma violência. (Diretora - Escola B)

É uma desestrutura familiar muito grande. A gente percebe no atendimento das crianças que o que falta é o resgate de valores e isso vem desde a família. (Coordenadora - Escola B)

A violência na escola seria a falta de limites, a falta da base da família em casa. (Professora - Escola B)

Este conjunto de fatores percebidos por estes professores e gestoras evidencia que a violência escolar apenas para a Coordenadora da Escola A e para a Diretora da Escola B é um uma violação das normas. Portanto, é tudo aquilo que sai dos padrões normais da escola. “[...] Parece ser um caminho interpretativo fecundo desse fenômeno social caracterizado como um enclausuramento do gesto e da palavra” (SANTOS, 2001, p. 117).

A violência consiste em um discurso de recusa e nasce da lógica de uma exclusão. Ou seja, se os alunos violam as regras que são impostas na escola, como uma maneira de protestar, eles são considerados violentos e tendem a ser punidos e excluídos por não aceitarem, ou não entenderem determinadas normas.

Se analisarmos a partir da perspectiva bourdiesiana, considerando que estamos ouvindo gestores e professores de escolas públicas, esta violação das normas para os filhos das classes trabalhadoras, representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural. Desse modo, eles necessitariam aprender novos padrões ou modelos de cultura.

As formas de violência mais comuns que acontecem no dia a dia em sala de aula e na escola de acordo com os participantes, são:

O bullying, preconceito com o gordo, o magro, racial. (Diretora – Escola A)

O bullying, a agressão verbal, são os apelidos. E essas manifestações geram um tumulto dentro da escola por conta dessa falta de respeito, dessa falta de Deus, dessa falta da família, dessa falta do amor ao próximo. (Coordenadora - Escola A)

É agressividade nas palavras, palavrões, empurrões na sala de aula. Na escola acontece no geral, não é só na sala de aula. E são esses tipos normalmente que a gente vê os alunos fazendo. (Professor - Escola A)

A violência verbal, onde os alunos colocam apelidos, às vezes xingam, falam palavrões, tanto para seu colega como para professores também. (Diretora da Escola B)

Aqui na escola ainda temos casos de violência física, mas a que mais predomina mesmo é a violência verbal, a falta de respeito entre os colegas e até com o professor. (Diretora-Adjunta - Escola B)

A violência verbal é a mais comum e depois a violência física, eles se agredem por motivos banais. (Coordenadora - Escola B)

Agressão verbal e agressão física. (Professora - Escola B)

Para os participantes as formas físicas, que são os empurrões e agressão, e as formas verbais, que são os apelidos e palavrões, estão relacionadas à falta de respeito e ao preconceito dos alunos, sejam entre eles ou com os professores, como destacam na Escola B, a Diretora e a Diretora-Adjunta que o professor sofre a violência verbal por parte dos alunos.

Concordamos com a reflexão de Salles e Silva (2008) quando remetem ao fato de que estes preconceitos e a falta de respeito podem acontecer porque os jovens são reduzidos a estereótipos na escola, até pelos próprios colegas, como forma de brincadeiras para ressaltar as diferenças do outro e a sociedade constrói teorias para explicar essa diferença e justificar a discriminação. Esses estereótipos também são construídos entre os alunos, professores, gestores e funcionários e acabam por gerar situações de conflitos e violências.

No que se refere às dificuldades encontradas para lidar com a violência na escola, os professores e gestoras ressaltam que:

Na escola você trabalha de uma forma e quando o aluno retorna para casa parece que ele pega tudo de novo. E o que a gente faz é conversar com eles porque às vezes quando você chama o pai, o próprio pai fala que não, que ele não fala, e aí a criança fala na frente da gente: ‘Sim, o senhor chama a minha mãe assim, o senhor fala isso’ aí na hora você fica sem ação e você já sabe da onde vem aquele tipo de violência. (Professor - Escola A)

Às vezes chega um pai e não acredita que seu filho falou tal palavra para outra criança, porque ele fala que o filho dele não falou. Então nós temos essa dificuldade, dessa compreensão dos pais porque ele fala que não, que em casa ele educa, que ele ensina os

bons costumes e que o filho dele não é capaz de falar tal coisa. (Coordenadora - Escola A)

Minha maior dificuldade é eles pararem para ouvir a gente, é muito difícil porque quando eles começam a discutir só eles é quem tem razão. Então, eles não ouvem outra pessoa. (Professora - Escola B)

As dificuldades são inúmeras, porque a gente percebe que as crianças ficam a maior parte do tempo sozinha no decorrer do dia a dia. A família se ausenta para o trabalho e às vezes não tem esse acompanhamento. E esse é um dos fatores que é preocupante para nós. (Coordenadora - Escola B)

A falta da família, porque todos trabalham e mandam a criança para a escola. (Diretora - Escola A)

Os pais terem a consciência de que eles precisam nos ajudar e porque quando eles vêm na escola, nos dizem que não tem tempo. E a gente diz: “Pai, você trabalha o dia todo, mas o filho é seu!”. Então, a gente tem que fazer uma conscientização com esses pais, por isso é que nós trabalhamos muito, a carga horária nossa aqui na escola é maior, porque nós falamos com os pais 18horas, 19horas, é o horário que ele pode vir. (Diretora - Escola B)

Normalmente as crianças violentas são aquelas com problemas familiares. Tem problema em casa e na escola eles querem extravasar, chamar atenção. E chamam atenção pelo lado negativo porque em casa o pai não escuta hoje a família não tem paciência, principalmente com os adolescentes. Porque eles reclamam que os pais não conversam. E com os menores é a mesma coisa. Na maioria das vezes os violentos começam com a desestruturação familiar, e você chama para conversar, mas a mãe não vem. Por exemplo, agora a pouco eu estava ouvindo à coordenadora falar no telefone com uma mãe e dizia que havia cem dias que o filho dela não vem na escola, é complicado. Onde está a família que uma criança não vem a cem dias na escola? É um trabalho familiar, é obrigação familiar a criança vir para a escola e o pai tem que passar todos esses ensinamentos, os valores. (Diretora-Adjunta - Escola B)

Como podemos verificar, o foco é na família, é apontado por quase todos os participantes no que se refere às dificuldades encontradas para lidar com a violência na escola. Seja pela falta da presença dos pais, por não participar ativamente na educação dos filhos em casa e na escola e por não haver o diálogo familiar ou por entender que faltam valores morais, confiança e sinceridade dos pais com os filhos.

Somente a Professora da Escola B, não se referiu à família e destacou que os alunos não sabem ouvir, falta respeito e limites. Portanto, há de se considerar que se fazer ouvir pelos alunos é uma dificuldade para lidar com a violência na escola. Porém, o fato de os alunos não ouvir a professora, também pode ser considerado um forma de violência desses alunos contra a docente e o diálogo deve entre professores e alunos, cada um colocando seu ponto de vista.

No entendimento de Tardif e Lessard (2005, p. 271) “Aí está um elemento essencial desse trabalho que é, ao mesmo tempo, uma tensão central deste ofício: lidar com coletividades atingindo os indivíduos que as compõem”. E completam:

A docência tornou-se, certamente, um trabalho mais extenuante e mais difícil, sobretudo, no plano emocional (alunos mais difíceis, empobrecimento das famílias, desmoronamento dos valores tradicionais, etc.) e cognitivo (heterogeneidade das clientela com necessidade de uma diversificação das estratégias pedagógicas, multiplicação das fontes de conhecimento e de informação, etc.) (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 158).

Para os autores interagir com os alunos, que são todos diferentes entre si, com opiniões e valores diversos, baseado em padrões gerais é o problema principal do trabalho docente, pois os professores precisam cumprir exigências de uma organização. E dilemas, tensões diárias próprias de situações de conflitos e violências na sala de aula, tornam o trabalho docente mais difícil. E verificamos ao longo da pesquisa, principalmente quando fomos a campo que a docência de fato, tem se tornado um trabalho cada vez mais difícil, seja por exigências cada vez maiores no que se refere aos índices quantitativos que a escola precisa alcançar para receber verbas financeiras ou por situações de violências em sala de aula aliadas a falta de apoio dos pais.

A família sempre aparece em destaque nas falas dos participantes da pesquisa. E quando a pergunta é como percebem a participação da família quando o assunto é a violência, eles revelam:

A criança mesmo entrega onde que está à violência e às vezes também não é em casa, às vezes é com os amigos, ele aprende com o outro. A internet também tem umas palavras, a televisão também traz isso. A família normalmente nega, ela diz que não, diz que não é em casa que ele aprende. Outra coisa, normalmente essas crianças, a maioria ficam sozinhas, então eles aprendem mesmo na rua. Mas normalmente a família diz que não, ela não ouve, ela não sente que a criança é violenta. E a gente pede para que os pais acompanhem. Eu falo: “Pai, fique esperto! Ele é seu filho! Ele precisa da sua atenção! Fique atento com quem ele anda, com os jogos de internet. Vê se não ta vendo sites que não são adequados a idade dele, então fique atento”. Eu chamo a responsabilidade sim, muito. (Professor – Escola A)

A família é muito omissa, é raro eles virem quando são solicitados. E tem aluno que fala: “Não adianta não, porque minha mãe não vai vir” ou “Não adianta mandar bilhete porque minha mãe não vem”. (Professora – Escola B)

A família é bastante omissa. Muitas vezes a gente chama, e a família diz que não sabe mais o que fazer. Então, é a falta de limites. (Coordenadora – Escola B)

Na verdade quando chega ao extremo, ela transfere o filho de escola. São raros os casos. A maioria das vezes o diálogo, depois o registro, a conversa com a direção. Mas a família sempre fica na defensiva, ela sempre entende que alguém provocou o filho dela. (Coordenadora – Escola A)

Poucas assumem que tem a violência dentro de casa. Na maioria das vezes eles dizem que a culpa é do outro colega, é do professor que não soube entender, que não soube falar com o aluno. Então, sempre procuram um culpado, e é muito difícil trabalhar quando os

pais ficam procurando um culpado. Então a participação da família deixa a desejar. (Diretora – Escola B)

Ainda um pouco ausente, eles falam: “Lá em casa eles estão assim também”. Então, você vê que em casa ele é violento é aqui na escola vai propagar a violência. A gente vê pelo tom de fala de um aluno, se ele presencia isso dentro de casa. (Diretora-Adjunta – Escola B)

Na mudança de comportamento do aluno, ele melhora nas atitudes se a família está presente. (Diretora – Escola A)

Podemos constatar que os participantes entendem que há um desinteresse dos pais, omissão e falta de compromisso. Paro (2000) ressalta que os professores pretendem que a família dê continuidade à educação oferecida na escola, principalmente auxiliando as crianças nos deveres escolares, o que ele denomina como uma continuidade de mão única, enquanto os pais, “[...] embora cheguem a conceber a escola como segunda família, vivenciam a timidez diante dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da cultura da escola” (PARO, 2000, p. 33).

Segundo as gestoras A família tem dificuldade em reconhecer que o filho tem atitudes violentas. E também relatam que os pais ou negam e colocam a culpa no outro colega (ou no professor) ou falam que não sabem o que fazer porque em casa o filho também se comporta de maneira violenta, como na escola. O que é preocupante visto que há possibilidade dessa família negar a violência por praticá-la em casa, seja por agressão verbal ou física.

A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de passar valores morais e éticos, de educar seus filhos para os desafios da vida; ela é essencial para que a criança se sinta valorizada. “Numa perspectiva individual, os pais podem ajudar a motivar e a estimular os seus filhos, associando-se aos esforços dos profissionais de ensino” (NÓVOA, 1992, p. 27).

A escola é o lugar de socialização, de apropriação, de reelaboração do conhecimento e resignificação de saberes. É fundamental que o professor se envolva afetivamente com os alunos. Ou seja, saber quem são, de onde vem, como vivem, que conhecimentos possuem e quais suas habilidades. Mas o que se observa atualmente no contexto da escola é que o professor também assume tarefas de ensinar a respeitar o outro, crenças e valores, que em verdade é uma tarefa primordial da família.

O que normalmente eles fazem quando ocorre uma situação de violência na sua sala de aula e na escola:

Na minha sala de aula eu chamo o aluno, converso com ele, mostro se a questão se acontecesse com ele [...] se ele tentar estar no lugar no outro, ele vai falar: “Ah, eu não gostei, eu não gosto”. Então você acaba mostrando que a violência é algo ruim, ele vai ter que entender. Mas isso é em longo prazo, não é rápido. Quando os alunos não são meus, eu chamo a atenção de outra forma: “Não faça isso! Não pode!” ou “Vou conversar com seu professor!”. Mas é aquele tipo de coisa, como o aluno não é da gente, ele não respeita. (Professor – Escola A)

Primeiramente a gente conversa com o aluno, tenta reverter. Mas quando não é possível, ele é encaminhado para a coordenação. (Professora – Escola B)

No primeiro momento nós chamamos os envolvidos, conversamos e depois fazemos um registro. E posteriormente chamamos os responsáveis e já fazemos uma ata, levamos o caso para a direção, registramos em ata para tomarmos uma medida juntos. (Coordenadora – Escola A)

A gente procura conversar com os educandos e quando houver reincidência fazemos contato com a família, para ver os problemas que estão ocorrendo no ambiente familiar. (Coordenadora – Escola B)

Quando é um problema que a gente pode resolver, não chamamos os pais, a gente faz o aconselhamento. Mas se é um problema mais grave, a gente leva ao conhecimento dos pais. (Diretora – Escola A)

O primeiro passo é conversar, é pesquisar com ele, se essa violência vem de fora, de casa, da comunidade. Para depois mostrar para ele o que é aplicar a lei. (Diretora – escola B)

[...] perguntamos se está acontecendo alguma coisa na casa dele ou mesmo na sala de aula. E se não resolve com o aluno, chamamos a família e conversamos junto com o aluno para traçar combinados e tudo fica registrado. A gente espera que o pais cobrem e apoiem também. (Diretora-Adjunta – Escola B)

A conversa foi destacada como a primeira maneira de lidar com uma situação de violência. É interessante observar que conversar não significa, necessariamente, uma troca de informações, de ideias. Acreditamos que é preciso que todos sejam ouvidos, que possam argumentar sobre seu ponto de vista e ir além da conversa, é necessário haver diálogo, que deve ser inserido no sentido de discutir e compreender com essa criança se as manifestações violentas não são uma maneira de enfrentar alguma situação seja em casa ou na própria escola.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o diálogo é entendido como a capacidade de ouvir o outro e de se fazer entender, é citado como essencial à convivência democrática, e como uma maneira de esclarecer conflitos. A escola é um lugar privilegiado onde se pode ensinar esse valor e aprender a traduzi-lo em ações e atitudes.

E quando questionados sobre como acreditam que a gestão deveria agir nos casos de violência na escola, os participantes da pesquisa manifestaram-se da seguinte forma:

Deveria ter projetos, a escola mesmo faz vários projetos. Na verdade quando são entorno, eles chamam a segurança. Mas se a escola preparar bem esses alunos, aqui na frente isso não ocorre, não vai ter problema. (Professor – Escola A)

Deveria ter um pouco mais de rigidez nas ações. Porque é muito “vamos conversar”. Só que chega um ponto que não tem mais o que conversar. (Professora – Escola B)

Chamando os envolvidos, fazendo registro, fazendo uma ata, como tem sido feito. A escola faz esse procedimento. E após esse registro, essa ata, depois de uma conversa, chamar os responsáveis e propor situações de desculpas, e que não vai mais acontecer. E quando chega o caso dos alunos maiores, sensibilizá-los com essa atitude, que não deve ser feito. (Coordenadora – Escola A)

Nós procuramos agir em parceria com a família, porque muitos dos nossos alunos vivem essa violência dentro de casa. (Coordenadora – Escola B)

Deve contar com o apoio da SEMED, do encaminhamento para o jurídico ou conselho escolar. Mas dificilmente a gente chega a esse extremo. A gente resolve com a família. (Diretora – Escola A)

A gente tem que estar trazendo o aluno para perto, para que ele possa perceber que ele é útil, que ele é importante, porque muito dessas violências ocorrem por descrédito deles mesmos. Eles não sabem usar as palavras e acham que a força bruta é uma forma de resolver os problemas. Porque eles acham que você tem que dar o troco na mesma moeda, desde os pequenos já pensam assim. Então, tem que conversar, chamar a família e acionar o policiamento escolar, porque é segurança. Segurança daqueles que estão envolvidos na confusão e segurança para aqueles que não estão envolvidos. (Diretora – Escola B)

Todos os profissionais da educação e a família têm que estar engajados no mesmo objetivo, no combate a violência, na falta de respeito. (Diretora-Adjunta – Escola B)

As respostas de como a gestão deveria agir colocam a responsabilidade da ação no outro, seja na família ou na SEMED. Para Giglio (1999) os educadores têm a responsabilidade de atuar de modo estratégico, investigando as possíveis causas que transformam o ambiente escolar em local propício de práticas que são violentas, que desrespeitem direitos e que não promovem a dignidade humana. O que certamente não se trata apenas de constatar os episódios de violência e lamentar, transferindo responsabilidade das ações de não violência para outros.

Quando indagamos aos participantes se eles sofreram algum tipo de violência verbal ou física, apenas uma participante fez um relato pessoal:

Violência física não. Mas teve um caso de um menino que mentiu para a mãe, disse que eu havia xingado ele de vagabundo e ela veio muito nervosa, gritou. Mas depois ela viu que ele havia mentido e hoje ele vem aqui e conversa comigo. Eu fiquei pasma com aquela atitude, mas depois eu fui conhecendo o aluno e a mãe. Eles eram catadores de reciclagem e ele falou isso, e ele tem um irmão aqui que também é violento. Hoje a qualidade de vida deles melhorou, mas é difícil sensibilizar. (Diretora-Adjunta – Escola B)

A fala da Diretora-Adjunta da escola B, no entendimento de Giglio (1999) são manifestações que podem ser indícios da autonomia moral do aluno:

As manifestações do sentimento de injustiça na escola, do tratamento desigualdade do que é aceito como plausível ou correto, iniciam no indivíduo ou grupo uma reação em cadeia que os coloca em pleno estado de defesa de si, de suas razões [...] ouvir os que se entendem como vítimas da injustiça tem sido o melhor para o resgate da razão a instauração das condições necessárias à compreensão dos problemas e a tomada de decisões sobre a melhor maneira de solucioná-los (GIGLIO, 1999, p. 187).

Em algum momento pode ocorrer dos alunos se sentirem injustiçados ou submetidos a regras injustas no ambiente escolar e o respeito à autoridade não impede essas manifestações, mas vale ressaltar que esses momentos devem se tornar educativos no sentido de aproveitá-los para a prática dos valores de tolerância e solidariedade. E buscar soluções que possam reconstruir essas relações no interior da escola.

Consideramos que o fato de apenas uma participante ter relatado que sofreu algum tipo de violência, não significa que os demais professores e gestores não tenham vivido alguma situação de violência verbal, física ou psicológica por algum aluno, principalmente se levarmos em conta o tempo de trabalho na profissão, o que há é uma negação da violência, talvez isso aconteça pelo conceito que cada um tenha sobre o que é violência.

No que se refere a um caso de violência grave que tenha ocorrido na sala de aula ou na escola:

Já teve uns tiros aqui na frente da escola e atingiu professores, aluno e foi muito triste porque foi alguém da comunidade que deu 3 tiros de bala explosiva contra a escola, na saída. Mas faz tempo. Os policiais disseram que era para matar mesmo, mas atingiu a perna de um aluno, o outro atingiu o braço da professora e o outro passou de raspão em outro professor. Então essa foi uma situação muito complicada, marcou a vida da escola. E quando aconteceu este caso todos os canais de televisão tiveram na escola cedo, e perguntaram se nós tínhamos segurança, eu disse que não tinha e fui até ameaçada por um tenente que disse que eu tinha que desmentir, mas eu disse que não estava mentindo porque nós não tínhamos segurança, nós da comunidade. A escola estava no ponto vermelho da segurança. Foi uma situação complicada, mas que nos ajudou porque passou a ter mais frequência de policiais dentro da escola.

Hoje tem as brigas corriqueiras, as meninas estão mais afoitas, brigando por causa de menino. Nós tivemos, por exemplo, há um mês aqui na rua, elas saíram e brigaram a duas quadras da escola e a mãe de uma delas estava junto com a menina, filmaram e colocaram na internet. A confusão começou aqui dentro, por causa de menino, mas elas foram brigar lá fora. Quer dizer, a mãe foi conivente, porque acha que a filha não pode perder para a outra. (Diretora – Escola B)

Ao levantar as respostas sobre a violência escolar procuramos saber sobre os projetos que tem sido desenvolvido para preveni-la. Perguntamos sobre as atividades relacionadas ao combate à violência tanto na escola como fora dela com os alunos:

A escola coloca projetos, mas você tem que trabalhar isso todos os dias. Eu sempre dou exemplos, às vezes eles assistem TV e eu falo: “Olha, aquele menino morreu!”. Eu sempre trago esses exemplos de violências do dia a dia. Então, ele [o aluno] não é só aqui, ele vem daqui e já vai, portão a fora e se eu vejo alguma coisa ali na rua, eu vou lá e paro. Às vezes eu saio de moto, paro e: “Vamos embora pra casa, já deu o horário, vou chamar a polícia”. Na hora assim, eles já vão embora. (Professor – Escola A)

Eu pelo menos, converso, tento orientar, mas não dá muito resultado, não. Eles já estão numa fase que é bem difícil de ouvir a gente. (Professora – Escola B)

Sim, através das pesquisas, através dos textos, tem muitos filmes e os professores da escola, eles passam muitos filmes para fazer uso desse combate, da criminalidade, da violência, do bullying. Acredito que ele precisa ser trabalhado muito mais porque a nossa escola é uma escola que não é violenta, os alunos não são violentos. Existem casos isolados, sim. Mas não é uma escola violenta, não é. (Coordenadora – Escola A)

Na escola nós temos o projeto onde nós envolvemos os alunos e também os professores que é o projeto “Convivendo com o outro” e tem o projeto GEAC, que este ano estamos trabalhando em cima da violência. No GEAC, os alunos fazem uma pesquisa em cima das necessidades da escola, e eles mesmos elencam as atividades junto com a coordenadora, onde tem palestras, passeatas e outras atividades, envolvendo o tema violência. Neste projeto, os alunos não são obrigados a participarem, são voluntários, do 6º ao 9º ano. (Coordenadora – Escola B)

Nós temos projetos. Projetos que os próprios alunos fazem a pesquisa, os do 9º ano fazem e passam para as séries iniciais. Esse é um trabalho feito com todos os professores. (Diretora – Escola A)

Aqui é o tempo todo. Inclusive nos temos um projeto que está há 6 anos, que é o projeto “Convivendo com o outro”, nós chegamos a conclusão da necessidade de fazer esse projeto porque a gente vê que o aluno não sabe conviver, porque se falta o respeito é porque está faltando a convivência. Para ter uma convivência saudável, ele tem que saber primeiro respeitar, a si e ao outro. Então, a gente trabalha muito isso. Tem ano que a gente intensifica mais, faz os encontros mais próximos e tem ano que é mais espaçado. Este ano está mensalmente, existe uma tabela, um cronograma, e em um dia específico, todos os professores, todos nós, todos os alunos e funcionários trabalhamos um tema, por exemplo, respeito é um tema. Então procuramos atividades, textos, livros, que vai ser discutido com os alunos do 1º tempo de todas as disciplinas, independente do que o professor der aula, ele tem que parar e conversar com os alunos, para eles refletirem se aquela atitude é ou não é uma violência, porque na maioria das vezes eles acham que não, porque para eles é tão banal, tão comum, então é normal fazer isso. (Diretora – Escola B)

Tem os projetos Convivendo com o outro e o SPE (Saúde e Prevenção na Escola), com esses grupos que os alunos vêm para desenvolver uma oficina, então cada semana tem uma oficina diferente e nós elencamos os temas de acordo com as necessidades dos alunos. Então, é um grupo menor que vem com dinâmicas, filmes. Essas oficinas são do MEC, para alunos do 6º ao 9º ano. (Diretora-Adjunta – Escola B)

Os professores destacam que as atividades que desenvolvem são os aconselhamentos, as conversas em sala de aula mostrando exemplos de violência que acontecem no dia a dia, entretanto a Professora da Escola B ressalta que para ela, não tem muito resultado essas conversas com os alunos. Entendemos que para haver resultados, é necessário discussões sobre a temática, que aconteça o diálogo de fato, que os alunos possam questionar, contar experiências e colocarem seu ponto de vista e não apenas ouvirem aconselhamentos.

Para as gestoras as atividades relacionadas ao combate à violência nestas escolas são aquelas inseridas diretamente nos projetos que são desenvolvidos. Os programas citados visam contribuir para que os alunos tenham mais informações sobre discriminação, preconceito e saúde. Certamente esses programas se articulados com a proposta da escola, temas como a violência escolar deverão debatidos no decorrer do ano letivo, já que a violência está inserida no cotidiano não somente da escola, mas da realidade contemporânea.

Discussão

A trajetória desta pesquisa proporcionou um conhecimento da complexidade da violência que por ser problema social e multifatorial acaba se tornando uma das manifestações mais difíceis de prevenir e controlar. Que nos surpreende com as barbáries atitudes violentas que acontecem dentro e fora da escola trazendo insegurança para a comunidade escolar, seja por motivos de revolta contra um sistema dominante ou por violências sofridas no próprio espaço escolar entre colegas ou entre estes e professores.

Consideramos que sempre houve violência da escola, como as punições corporais e a própria violência simbólica que dominavam e excluíaam alguns alunos, entendida por muitos como disciplinamento e respeito ao professor. O que diferencia é a conjuntura vivida, estes tipos de violências eram aceitos e não causavam horror na sociedade. Hoje, a democracia, as novas leis que regem a educação, os estatutos que determinam os direitos dos cidadãos, os discursos de direitos humanos e ações de não violência, fazem com que casos como agressão física e verbal contra professores e gestores ou entre alunos, causem indignação para aquelas pessoas que não aceitam a violência como forma de imposição.

Outro fator preponderante é a divulgação na mídia e das redes sociais, hoje com a internet as pessoas têm acesso em tempo real às informações, o que faz com que as

manifestações de maiores proporções da violência ganhem notoriedade. Mas as violências que não causam danos aparentes como, por exemplo, a violência verbal, é noticiada apenas em casos isolados, quando devido a essas violências sofridas, surge à agressão física com consequências.

O estudo mostra que os entrevistados têm dificuldades em definir o que significa a violência. Esta é percebida pelos tanto pelos professores quanto pelas gestoras como um problema social, como uma violação das normas, como falta de respeito, como agressão física e verbal, inserindo a desestrutura familiar.

Os professores e as gestoras ressaltam que falta a participação da família, da comunidade e dos órgãos de governo para minimizar e prevenir a violência. Pelo estudo desenvolvido podemos inferir que há manifestações rotineiramente de violência dentro das salas de aulas e no interior das escolas lócus desta investigação. Sejam essas manifestações atos de violência verbal ou até mesmo física. As causas da violência escolar foram relacionadas ao contexto familiar e não citam as práticas pedagógicas.

Os participantes relatam que o diálogo e o aconselhamento estão presentes como alternativa nas manifestações de violência, tanto pelos professores em sala de aula como pelas gestoras quando recebem o aluno. Mesmo considerando que é uma prática que não dá muito resultado no entendimento da Professora da Escola B. As gestoras das escolas também apontam o cumprimento das normas do regimento interno, como o registro em ata, suspensão ou até a transferência do aluno, este em último caso. Os professores ressaltam que a família é sempre chamada nos casos que são passados para a coordenação.

As gestoras da Escola A adotam como medida para minimizar a violência na escola, o diálogo com os alunos e atividades de pesquisas que os estudantes que estão no fim do ensino fundamental fazem sobre o tema e passam o que aprenderam para os colegas dos anos anteriores. As gestoras da Escola B desenvolveram um projeto para que professores e alunos possam abordar temas diversos, entre eles a violência.

Os resultados encontrados demonstraram que a violência não escolhe classe social, nem localização da escola, mesmo havendo uma tendência em se pensar que somente as escolas da periferia são produtoras de violência escolar, independente da localização e do número de alunos esta pesquisa revela que essas escolas possuem muitos pontos em comum. A ausência da família na vida escolar dos filhos é ressaltada sempre nas falas de professores e gestores, o que torna um fator importante no que diz respeito aos

limites destes profissionais da educação para lidar com situações de violência. Os atos de violência apontados como grave são atribuídos a violência física ocorridas fora da escola, como brigas de adolescentes por causa de namoro, mas que tem reflexos dentro na escola.

Observamos que para o enfrentamento da violência escolar é preciso que cada instituição assuma sua seu compromisso social, inclusive a própria escola. Não adianta atribuir a culpa somente a família, ao governo e à comunidade porque este fenômeno é complexo e tem gravidade devastadora.

Neste estudo constatamos que o que diferencia são as ações e projetos desenvolvidos além dos que são estabelecidos pelos órgãos do governo. Verificamos que as possibilidades de superação da violência escolar não estão somente na escola, estão nas parcerias com família, com a comunidade, com os órgãos do governo, com profissionais de outras áreas, aliadas ao objetivo da não violência. Projetos pensados para a realidade dos alunos, que envolvam desde os pequenos, já que estes também praticam a violência e ações diárias em sala de aula.

Contudo, sabemos que não é tão simples atuar de forma integrada, pois essas medidas precisam levar em conta a realidade de cada escola e os envolvidos precisam estar preparados para a mudança nas suas atitudes. Neste aspecto, é preciso que professores e gestores não neguem a violência que está presente na escola para que possam ir além das práticas de encaminhamento e punição que fazem parte da rotina escolar e construam ações permanentes de não violência.

Todos esses aspectos mostram a importância e necessidade do debate da violência escolar. Com o acesso ao conhecimento, informações e os poucos direitos conquistados nos últimos anos, não há como ignorar esta violência e nem os danos que causam. É preciso que haja debates envolvendo escola, comunidade, sociedade e principalmente os órgãos públicos competentes para o enfrentamento da violência escolar, pois o que constatamos até o momento é uma tendência a naturalização. O que por certo, é um retrocesso para uma sociedade brasileira.

Referências

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, PT: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ética**. Brasília, DF: MEC, 1998.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, 2002.

DEBARBIEUX, E. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, mar. 2002.

GIGLIO, Célia M. Benedicto. A violência escolar e o lugar da autoridade: encontrando soluções partilhadas. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, A. Para uma análise das instituições escolares. (Coord.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa, PT: Dom Quixote: IIE, 1992. p. 13-43.

ORTEGA, R. Programas educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o modelo Sevilha anti-violência escolar (SAVE). In: DEBARBIEUX, E.; RÉVOLTE, K.; BLAYA, C.; ROYER, E.; ORTEGA, R.; COWLIE, H.; PINA, F.; ABRANOVAY, M.. **Desafios e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO; UNDP, 2003.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino: A contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PEREIRA, E.D. **A violência nas escolas da rede municipal de ensino de Campo Grande, MS**. 1994. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1994.

SALLES, L. M. F; SILVA, J. M. A de P. Diferenças, Preconceitos e Violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação (UFPEL)**, 2008.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A violência na escola, uma questão social global. In Briceño-León, R. **Violencia, sociedad y justicia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O Trabalho Docente: Elementos para uma Teoria da Docência como Profissão de Interações Humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em: 01.02.2015

Aceito em: 08.12.2015